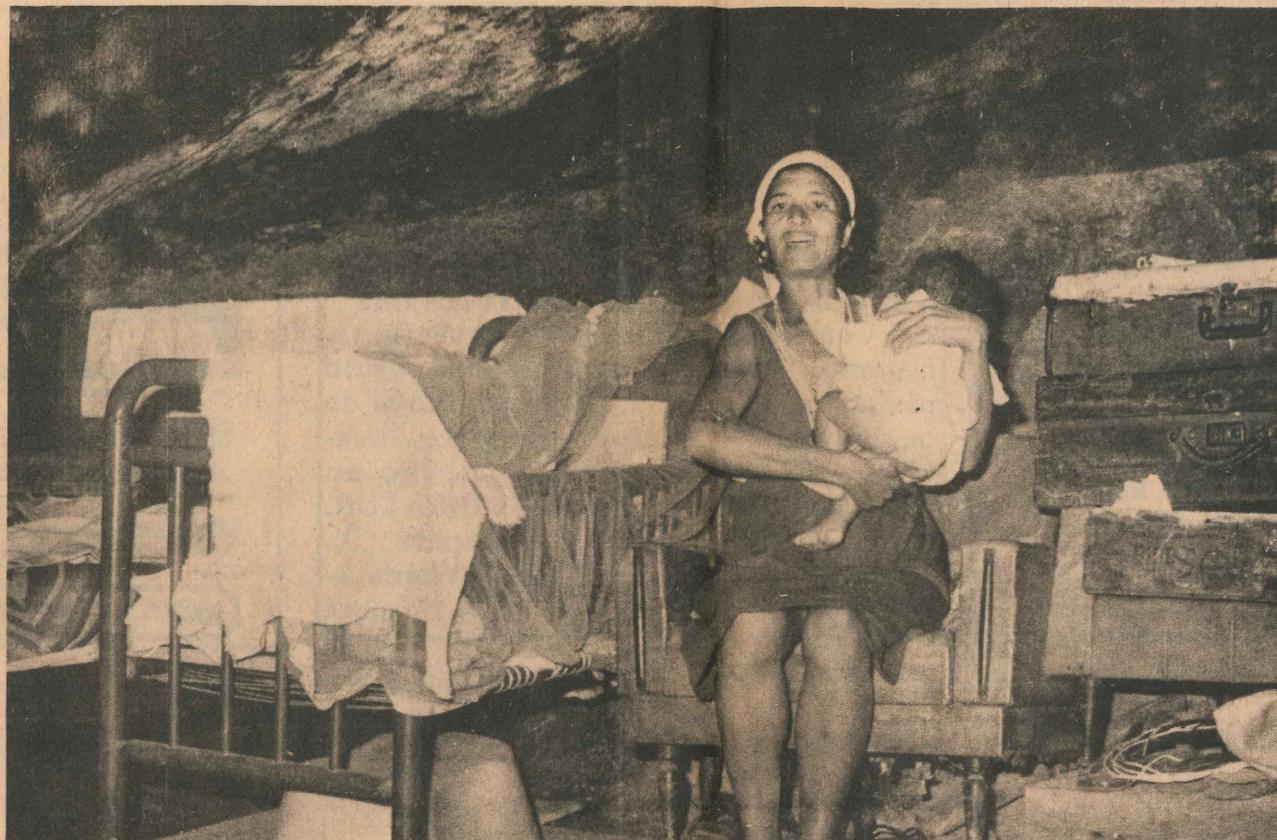




Teresinha pode ser despejada de uma Kombi



Iracema e seu marido, o "Pernambuco", ocupam, junto com uma filha, uma gruta há seis anos



Os filhos de José Alves dormem num caixote

# Subabitação: a esperança é a primeira que morre

## Falta espaço para dividir a miséria

Texto de Cláudia Feliz  
Fotos de Gildo Loyola

Em Vitória, duas situações expressam, de maneira clara e agressiva, de que maneira uma parcela bastante grande da população é obrigada a resolver o tão difícil problema da habitação. Teresinha Gonçalves, juntamente com seus 3 filhos menores, reside numa Kombi, na avenida César Hilal, e Manoel Gonçalves, o "Pernambuco", mora há 6 anos numa gruta em companhia de mulher e filha, no bairro Joana D'Arc.

A primeira vista pode-se pensar que Teresinha optou por este tipo de moradia. Mas a realidade é outra, e a mulher, que somente agora conseguiu se empregar numa firma, onde percebe "meio" salário mínimo, mensalmente, subabita num canto escondido do bairro classe média, camuflada atrás do posto de gasolina "Marinho".

### TRAGÉDIA

A história de Teresinha é trágica, se formos levar em

consideração que ela, após 7 meses em Vitória, morando na Kombi em companhia de seus filhos e do marido, João Geraldo do Carmo, se viu abandonada por ele. Há pouco mais de 10 dias, ficou sem emprego e sem saber o que fazer numa cidade, onde, segundo ela, "as pessoas vêem as coisas mas não as exergam".

João Geraldo do Carmo, que trouxe a família de Brasília para trabalhar na firma Encol, não aceitava alugar um barraco para a família sob a alegação de que bom mesmo seria morarem em casa própria. Teresinha ajudou o marido vendendo cafézinho e lanches para os trabalhadores da construção civil e, segundo ela, já tinham Cr\$ 85 mil em caderneta de poupança quando o marido "foi dar uma voltinha", sacou o dinheiro e não mais voltou.

A "moradia" de Teresinha é, antes de tudo, um desafio. Duas Kombis servem à família: uma velha, que funciona como fogão queimando lenha em seu

interior, e outra em melhor situação, onde, em cima de colchões e na cabine dormem a mãe e seus filhos de 9, 5 e 2 anos. A noite, com medo de deixá-los sozinhos, ela os envia para a Ilha das Caieiras, onde reside sua filha mais velha, de 19 anos, sem condições de alojá-los. Teresinha trabalha de 18 às 23 horas e dorme sozinha no veículo, observada pelo vigia do posto.

Para o banho e necessidades fisiológicas, a família utiliza o banheiro público do posto de gasolina. E, para piorar toda a sua situação, os veículos que funcionam como moradia para a família foram vendidos por João Geraldo do Carmo a um estranho, sem que Teresinha soubesse, antecipadamente. "O homem veio aqui e eu não entreguei nada, depois ele voltou com a polícia que ficou com pena da gente e não deixou que ele nos despejasse", disse ela.

Morar onde moram

Manoel Gonçalves, o "Pernambuco", sua mulher Iracema Soares Ferreira, em companhia de Lenilda, de 10 meses, é, assim como o caso de Teresinha, também um ato de coragem, só levado a efeito por muita necessidade. Ocupam uma gruta, no bairro Joana D'Arc, onde Iracema circula sempre com sua filha no colo por temer uma picada de cobra, por exemplo. O local é totalmente escuro, não há água e fica distante das demais moradias do bairro.

"Pernambuco" e Iracema vivem no local há 6 anos e parecem já ter se adaptado ao local, onde criam galinhas e porquinhos da Índia e não possuem gastos com aluguel e contas de água e luz. Para completar o quadro, Iracema já entrou no nono mês de gestação e afirma não saber como irá poder criar, no interior da gruta, um bebê recém-nascido.

Mas a história do casal, que foi descoberta pelas autorida-

des competentes há pouco mais de 3 meses, parece não apresentar solução, pelo menos imediata. "Pernambuco" é funcionário da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), onde recebe um salário de Cr\$ 9 mil. Sua mulher afirma que foram doadas algumas madeiras pela instituição para que eles construíssem um barraco. Só que, segundo ela, as madeiras são poucas e estão guardadas na casa de uma comadre.

O subsecretário do Bem-Estar Social, Tasso Lugon, que esteve no local logo após denunciado o fato através da imprensa, revelou, essa semana, que a Ufes se incumbiu de resolver a situação. "já que Manoel Gonçalves é funcionário da instituição e é beneficiado por sua associação de servidores".

O assessor de imprensa da Ufes, Dalton Martins da Costa, confirmou o fato e se surpreendeu ao saber que "Pernam-

buco" ainda não resolveu sua situação. "Eu, pessoalmente, fui com ele ao prefeito de Vitória, Carlos von Schilgen, e de lá fomos até à região do Contorno onde Manoel recebeu um lote para construir sua moradia. A Ufes, inclusive, já havia lhe cedido madeira, anteriormente, e não sabemos explicar o porquê de seu comportamento", frisou.

Iracema disse desconhecer tais entendimentos mas fez questão de frisar que o proprietário da área onde se encontra a gruta, em Joana D'Ac, também prometeu doar uma área do seu extenso terreno — recentemente ameaçado de ocupação — para a família. "Aqui não é muito bom, mas também não é péssimo. Não chove dentro da gruta, aproveitamos a água da chuva para a lavagem de roupa, temos um peço de água limpa não muito loge. Vamos levando a vida desse jeito. O bom daqui é que Pernambuco pode ir até mesmo a pé para o trabalho, e pode pescar também".

Desprovido de uma assistência efetiva e satisfatória, percebendo, em sua maioria, o correspondente a um salário mínimo mensal, um significativo número de famílias residentes na Grande Vitória sofre, sistematicamente, um problema que lhes é comum e sem perspectivas de solução: habitação. Embora não atingindo apenas essa parcela mais sacrificada, a questão da moradia assume proporções mais críticas justamente nas zonas periféricas da cidade, onde podem ser identificados os casos mais aberrantes.

Praticamente todos os bairros existentes na periferia, e que surgiram com a ocupação de áreas, apresentam um quadro bastante parecido no que diz respeito às péssimas condições de moradia. Em Flexal, por exemplo, local onde estão instaladas centenas de famílias, em sua maioria migrantes, há barracos desabando sobre as cabeças de seus ocupantes, que vivem, na maioria dos casos, amontados, diariamente, dentro de um só cômodo medindo não mais que 6 metros quadrados.

### CAOS

Mas há ainda casos mais caóticos do que esses. Em Cobi de baixo, por exemplo, dezenas de famílias convivem em situação aviltante, morando em casas de cômodos popularmente chamadas de "cabeças-de-porco". É impossível considerar aqueles pequenos e escuros quartos como moradias, principalmente quando se pode perceber a inexistência das mínimas condições de infraestrutura. Em Cobi, uma média de 20 pessoas é obrigada a dividir um mínimo banheiro, construído com madeira e que não dispõe de sistema de esgotos já que os barracos são instalados sobre o manguê.

Governo estadual só tem soluções paliativas

# Governo estadual só tem soluções paliativas

"A migração é responsável direta pelas subabitações existentes na Grande Vitória. A reversão do processo, na qual estamos trabalhando atualmente, será a solução não só para esse, mas para todos os problemas causados pelo fenômeno migratório vivido pela maioria das capitais brasileiras". A afirmação é do subsecretário do Bem-Estar Social, Tasso Lugon, para quem a situação ainda não

fugiu ao controle do órgão governamental.

Lugon apontou o Programa de Erradicação de Moradias Subumanas (Promorar) como uma das soluções viáveis para a questão da subabitação existente na Grande Vitória. Frisou, por outro lado, que "pobreza sempre existiu e sempre existirá", descartando a possibilidade de uma melhora efeti-

va no problema a curto e médio prazos.

## CASOS ANORMAIS

Para os casos "anormais" — dentre eles estariam os de Teresinha Gonçalves e "Per-nambuco" —, no entanto, a secretaria dispõe de um Departamento de Promoções Sociais, que possui um plantão por onde passam, em média, de 4 a 10 pessoas com as mais variadas reivindicações. A

construção de barracos é, contudo, a que se apresenta de forma mais acentuada, principalmente no período de chuvas, quando dezenas de famílias carentes ficam desabrigadas.

Duas funcionárias trabalham no plantão de segunda a sexta-feira, à tarde, e após avaliação de cada problema estudam a possibilidade de ajuda a essas pessoas. Doam bacias para lavadeiras, efetuam

o pagamento de aluguéis atrasados, mas tudo após um estudo bastante apurado de cada problema. Afinal, até mesmo o subsecretário se manifesta não muito favorável a esse tipo de ajuda, "paternalista, mas necessária".

A responsável pelo setor, assistente social Selma Marly Canin Arroco, afirma que os casos cuja necessidade é moradia não param de crescer e aparecer nos plantões diários da Sebs. As clientes são, nesses casos, em sua maioria, viúvas, mulheres abandonadas pelos maridos e mães solteiras.

## DOAÇÕES

No que diz respeito às moradias, a ajuda da Sebs limita-se ao fornecimento de madeiras cedidas por construções. Atualmente, através da secretaria, muitas pessoas estão conseguindo construir ou reformar seus barracos com madeiras, por exemplos, das caixas dos maquinários que chegam, diariamente, para a Siderúrgica de Tubarão. A gente não consegue atender a todos os que nos procuram porque muitas construções não doam esse material", diz a assistente social

No posto de migrantes, na rodoviária, há quem consiga receber cobertura e caixas d'água para barracos.

Mas, mesmo que o plantão da Sebs se dispusesse a atender a todos, tal fato não poderia ocorrer. A verba mensal é de apenas Cr\$ 8 mil, para atendimento de uma clientela que no bimestre setembro/outubro deste ano foi de 167 pessoas: 25 dos pedidos eram para construção e reforma de barracos na Grande Vitória.

"Não possuímos uma verba especial para habitação, mas percebemos que é esse um dos maiores problemas dos nossos clientes. Mesmo assim conseguimos ajudar a alguns, mais necessitados, através de contatos com construtoras. Para culminar, nosso caminhão está quebrado, o que dificulta no transporte do material adquirido", explicou Selma Arroco.

Para o caso de Teresinha Gonçalves, que até a última sexta-feira era totalmente desconhecido do plantão da Sebs, uma promessa de visita ao local foi feita pelo subsecretário, Tasso Lugon, e deve ocorrer ainda no transcorrer da semana que vem.

truído com madeira e que não dispõe de sistema de esgotos já que os barracos são instalados sobre o mangue.

Com a chuva, a força da maré invade, praticamente, toda a região e a umidade constante transforma as moradias em locais frios, exalando constantemente um mau cheiro ativo. No interior dos cômodos, contudo, o ambiente, embora pequeno, apresenta-se, quase sempre de forma um pouco menos agradável. Poucos e limpos utensílios domésticos e uma cama, dividida por dois dos membros de cada família, ou mesmo por todos (algo comum de ser visto).

Há quem, em melhor situação financeira — a renda quase nunca ultrapassa os dois salários mínimos mensais —, consiga alugar dois ou três cômodos para alojar a família, geralmente constituída de 5 pessoas. Mas quase que em sua maioria, os moradores das casas de cômodos de Cobi vivem em um só quarto, cujo aluguel gira em torno de Cr\$ 2 mil, além do pagamento da luz. A água é adquirida em um tanque coletivo, assim como são coletivos os banheiros.

É grande o número de mineiros e nordestinos, no local onde as mulheres, normalmente, trabalham em bares, lanchonetes ou casas de famílias para auxiliarem no aumento da renda. Os homens são empregados da construção civil mas a maioria vive de biscates, o que resulta numa renda familiar bastante baixa.

O aluguel é, sem dúvida, a grande preocupação dessas pessoas, que confessam já terem perdido as esperanças de adquirir a tão sonhada casa própria. Joselita Coelho Sobrinho é uma delas. Com apenas 22 anos, é mãe de duas crianças e vai dar à luz uma terceira, brevemente. Reside em Cobi há 3 anos, onde paga, por apenas um cômodo, o aluguel de Cr\$ 2 mil. Seu marido percebe apenas Cr\$ 12 mil mensais e todos dormem numa mesma cama, utilizando um só banheiro dividido com mais 6 famílias.

Como Joselita, Maria Nunes também não tem muitas esperanças em relação à casa própria. Tem uma filha de 5 anos, reside num só cômodo, com aluguel de Cr\$ 1 mil, e trabalha num bar onde recebe Cr\$ 8 mil mensais. "Aqui todo mundo é muito bom. A gente já está acostumada com a vida que levamos. Banheiro? Não ligo muito não, não tem outro jeito", diz ela.

Alguém que nunca tenha visto algo semelhante certamente se assustaria com a "casa" onde residem José Alves Ferreira, sua mulher Francisca de Oliveira e seus 4 filhos, menores de 5 anos. No alto de um morro, no bairro Flexal II, em Cariacica, onde não existe água, luz e serviço de transporte coletivo, eles ergueram um cômodo apertado, onde é impossível permanecer durante o dia em movimento. A noite, todos se amontoam numa cama de casal sobre a qual, preso ao teto, José Alves construiu um caixote bastante estreito para alojar duas de suas crianças. As outras duas dormem com os pais e aguardam a construção de um novo barraco num terreno adquirido pela família na mesma região. O salário é mínimo, e a prestação do terreno é de Cr\$ 2.500,00.

Outra situação bastante crítica é a da viúva Amélia Maria Pereira, com quatro filhos e residente no bairro Santa Rita, em Vila Velha. Seu barraco, construído próximo a uma vala, é inundado no período de chuvas e só possui dois cômodos. Um deles serve como cozinha e dormitório e não há como um estranho possa permanecer em seu interior por muito tempo, já que apenas os colchões, espalhados pelo assoalho, servem como local de descanso.